



Revista
Educar Mais

Trekking na Trilha dos Bastiões: implicações no processo ensino-aprendizagem da Educação Física escolar em Serrinha dos Pintos-RN

Trekking on the Trail of the Bastiões: Implications for the Teaching-Learning Process in School Physical Education in Serrinha dos Pintos-RN

Senderismo en la Trilha de los Bastiões: implicaciones en el proceso de enseñanza-aprendizaje de la Educación Física escolar en Serrinha dos Pintos-RN

Mádson Morais da Silva¹  • Dandara Queiroga de Oliveira Sousa² 

RESUMO

A pesquisa objetivou analisar como as aulas sobre Trekking de competição na Trilha dos Bastiões implicaram no processo ensino-aprendizagem de estudantes do ensino médio de uma escola estadual, em Serrinha dos Pintos – RN. Trata-se de uma pesquisa-ação, de abordagem qualitativa, cujos dados foram coletados por meio dos diários de campo dos estudantes, a partir de uma sequência didática tematizando o Trekking de competição e analisados com base na análise de conteúdo. Dos principais achados, destacamos o trabalho em equipe, contemplação da natureza, identidade com a cidade e o distanciamento das telas. Em suma, evidenciamos que as aulas na Trilha dos Bastiões favoreceram o desenvolvimento de competências cognitivas, físicas, psicológicas, sociais e ambientais.

Palavras-chave: Aventura; Natureza; Trekking; Trilha; Educação Física Escolar.

ABSTRACT

The study aimed to analyze how classes on competitive trekking on the Trail of the Bastiões influenced the teaching-learning process of high school students at a Brazilian state school in Serrinha dos Pintos, Rio Grande do Norte. This study employs a qualitative action-research approach, in which data were gathered through students' field diaries during a didactic sequence centered on competitive trekking. The data were processed using content analysis. Key findings highlight the promotion of teamwork, nature contemplation, a sense of local identity, and a reduction in screen time. In summary, the results demonstrate that the lessons conducted on the Trail of the Bastiões fostered the development of cognitive, physical, psychological, social, and environmental competencies.

Keywords: Adventure; Nature; Trekking; Trail; School Physical Education.

RESUMEN

El objetivo de la investigación era analizar cómo las clases sobre senderismo de competición en la Trilha de los Bastiões influyeron en el proceso de enseñanza-aprendizaje de estudiantes de educación secundaria de una escuela pública estadual, en Serrinha dos Pintos, RN, Brasil. Se trata de una investigación-acción de enfoque cualitativo, cuyos datos fueron recolectados a través de los diarios de campo de los estudiantes, a partir de una secuencia didáctica centrada en el trekking de competición y procesados mediante el análisis de contenido. Entre los principales hallazgos, destacamos el trabajo en equipo, la contemplación de la naturaleza, la identidad

¹ Licenciado em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros/RN – Brasil. E-mail: madsonmorais257@gmail.com

² Licenciada, Mestra em Educação, Doutora em Educação e Docente do Curso de Educação Física da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros/RN – Brasil. E-mail: dandaraqueiroga@uern.br

local y el distanciamiento de las pantallas. En suma, se evidencia que las clases en la Trilha de los Bastiões favorecieron el desarrollo de competencias cognitivas, físicas, psicológicas, sociales y ambientales.

Palabras clave: Aventura; Naturaleza; Senderismo; Sendero; Educación Física Escolar.

1. INÍCIO DA TRILHA

As Práticas Corporais de Aventura na Natureza (PCAN) têm origem com o ser humano primitivo, numa época em que ele era impulsionado pelo instinto de sobrevivência no meio natural. Nesse cenário, eram necessárias as habilidades de caça, pesca, escalada em árvores e montanhas para superar os desafios impostos pela natureza. A partir dessas práticas, surgiram algumas das técnicas e equipamentos utilizados em atividades de aventura nos dias atuais.

Como propõe Pereira (2023), a aventura tem suas raízes nas primeiras atividades de exploração humana, sendo que foi a partir do período da Revolução Industrial que ela foi inserida na vida das pessoas de forma utilitária e, posteriormente, no século XX, como forma de lazer, estimulando valores como trabalho em equipe, coragem, determinação e cooperação. Nesse contexto, a aventura passa a ser incorporada no âmbito da educação pelos valores que é capaz de promover.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as PCAN constituem uma unidade temática do componente de Educação Física que tem como característica a exploração e experimentação corporal em situações desafiadoras e imprevisíveis em meio à paisagem natural (Brasil, 2018), possibilitando a vivência de atividades não tão comuns no dia a dia escolar, realizadas em diferentes espaços. Além disso, propicia-se a experimentação de diversas emoções relacionadas à atividade e ao desenvolvimento de habilidades físicas, sociais e cognitivas (França; Domingues, 2023).

Nesse sentido, o Documento Curricular do Estado do Rio Grande do Norte (DCRN) destaca o potencial para o desenvolvimento de aulas sobre PCAN no estado do Rio Grande do Norte (RN), dada as suas características climáticas e geográficas propícias para esse tipo de atividade, sendo possibilidades a serem exploradas pelos professores de Educação Física (Rio Grande do Norte, 2018).

A ideia para a produção desse estudo surgiu com as vivências (do primeiro autor) na Trilha dos Bastiões e em outros espaços da cidade de Serrinha dos Pintos-RN, em atividades realizadas como momentos de lazer. Dessa forma, ao identificarmos o potencial pedagógico da Trilha dos Bastiões, utilizamos esse espaço não formal como uma forma de ampliação das vivências, a partir da sistematização da sequência didática com o conteúdo das PCAN e *Trekking*.

Diante disso, identificamos brevemente a cidade de Serrinha dos Pintos, que está localizada na região oeste do estado do Rio Grande do Norte, com território de 122,375 km² (IBGE, 2024). O município apresenta características geomorfológicas constituídas pela presença de chapadas, platôs e escarpas serranas. Predomina o clima subúmido chuvoso, com as chuvas ocorrendo nos primeiros cinco meses do ano (Henriques *et al.*, 2022). Nessa perspectiva, há atividades de aventura que são comuns na cidade, como rapel, *mountain bike*, trilhas e *motocross*, bem como o potencial para modalidades como *trekking* e esporte orientação, considerando que a cidade possui trilhas e espaços com baixa intervenção humana.

Partindo desse contexto, apresentamos a seguinte problemática: como aulas sobre *Trekking* de Competição na Trilha dos Bastiões, localizada na cidade de Serrinha dos Pintos-RN, implicaram no processo de ensino-aprendizagem de estudantes do ensino médio de uma escola estadual?

Das justificativas para a realização desse estudo, entendemos como relevante explorar e disseminar o potencial educativo e social das aulas de Educação Física em espaços não formais de educação, nesse caso, a Trilha dos Bastiões, no sentido de que essa pesquisa possa contribuir para a prática pedagógica de outros professores de Educação Física que buscam trabalhar com as PCAN em espaços não escolares. Destacamos, ainda, que a pesquisa pode ser um estímulo para que se desenvolvam mais atividades educativas na trilha e em outros espaços naturais da cidade, bem como para o cuidado e a valorização desses locais.

Sob outro enfoque, essa pesquisa busca preencher uma lacuna diante da escassez de estudos que tratem sobre o *Trekking* no âmbito da Educação Física escolar em periódicos científicos nacionais, especialmente em articulação com os espaços não formais de educação, os contextos locais e suas implicações pedagógicas.

Para tanto, objetivamos analisar como as aulas sobre *Trekking* de Competição na Trilha dos Bastiões implicaram no processo ensino-aprendizagem de estudantes do ensino médio de uma escola estadual em Serrinha dos Pintos-RN.

2. SOBRE OS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO

Para compreender os espaços não formais de educação, faz-se necessário conceituar os espaços formais de educação. Tratam-se das instituições de educação básica e ensino superior e suas dependências, como salas de aulas, quadras de esportes, pátios, e bibliotecas, não fazendo referências aos métodos e fundamentações teóricas de ensino, apenas ao espaço enquanto um local onde a educação realizada é formalizada e garantida por Lei (Jacobucci, 2008).

Nesse sentido, a autora supracitada caracteriza os espaços não formais de educação em duas categorias: os locais institucionalizados e os não institucionalizados. Os primeiros são regulamentados e contam com uma equipe técnica responsável pelas atividades realizadas no local, como os museus, parques, aquários e zoológicos. Já os espaços não formais naturais ou urbanos que não são institucionalizados, mas são locais em que é possível realizar alguma prática educativa, como praças, trilhas, rios, praias, lagoas, campos, entre outros diversos espaços, constituem os espaços não institucionalizados (Jacobucci, 2008).

No contexto educacional, diversos professores têm utilizado os espaços não formais de educação como um importante recurso para o desenvolvimento de práticas educativas que possibilitem aos estudantes um contato direto com os temas estudados em sala de aula (Moreira; Plese; Sanches, 2024). Além disso, Rodrigues (2017) e Puppim (2023) consideram que, devido serem em um ambiente diferente, as aulas em espaços não formais de educação estimulam a participação dos alunos na construção do conhecimento e podem proporcionar ganhos de sociabilidade, autoestima, trabalho em equipe e uma melhoria significativa na relação entre professores e alunos.

De outro ponto de vista, concordamos que

[...] instituições escolares, de maneira geral, não possuem a estrutura desejada por professores(as) para o desenvolvimento de suas atividades, ao contrário, muitas vezes, não possuem a infraestrutura mínima necessária para alcançar seus objetivos. Assim sendo, professores(as) muitas vezes buscam por meios próprios suprir esses obstáculos que, em muitos casos, são superados ou minimizados com o uso de espaços não formais (Moreira; Plese; Sanches, 2024).

Partindo dessa lógica, o uso dos espaços não formais de educação é uma alternativa para o ensino da Educação Física escolar, considerando obstáculos como falta de recursos pedagógicos e espaços dentro dos muros das escolas. No ensino das PCAN, soma-se a isso, a necessidade do diálogo com a gestão escolar, bem como o conhecimento de técnicas de segurança nas atividades de aventura (Pereira; Ritcher, 2019).

Os desafios para a inserção das PCAN na escola persistem, ainda, devido aspectos relacionados à formação docente, visto que há a possibilidade de que os professores de Educação Física não tenham cursado uma disciplina específica sobre essa temática na graduação (Silva; Sousa, 2025). Diante disso, concordamos com Santos e Rosa (2023) quando afirmam que as aulas de Educação Física não podem parar por conta das dificuldades presentes nas escolas, sendo esse contexto um estímulo para que os professores busquem alternativas para o desenvolvimento dos estudantes.

Modalidades de aventura como *trekking*, montanhismo e esporte orientação, que têm como característica primordial o seu desenvolvimento na natureza, são possibilidades para utilização dos espaços extraescolares, como os arredores da escola, trilhas e cachoeiras. De acordo com Nascimento (2022), o olhar para fora dos muros da escola é importante, assim como as oportunidades de promover aulas e aprendizados que esses espaços podem proporcionar, sejam eles nas cidades ou na natureza.

Em ambientes naturais, há, ainda, a possibilidade de abordar o Tema Contemporâneo Transversal (TCT) meio ambiente nas aulas sobre as PCAN, contribuindo para a construção dos saberes sobre as questões ambientais ao oportunizar a investigação e problematizar as situações presentes no cotidiano, de modo a melhorar o convívio com o próximo e conscientizar sobre o nosso papel no planeta (Fanfa; Guerra; Teixeira, 2019).

Nessa perspectiva, dialogamos com Lima *et al.* (2020), pois compreendemos que os espaços não formais de educação podem contribuir significativamente para o aprendizado dos estudantes, pois contemplam, durante as atividades, aspectos que não seriam possíveis de serem atingidos no espaço escolar. Entretanto, não basta somente mudar o ambiente, pois são as intenções pedagógicas que delimitam os alcances cognitivos, críticos e sociais.

Dessa forma, defendemos o uso dos espaços não formais, especialmente os ambientes naturais, como possibilidades relevantes para o ensino das PCAN na Educação Física escolar, não apenas por extrapolarem os limites físicos da escola, mas também pela relação dos espaços com o conteúdo das PCAN e seu potencial em ampliar as experiências educativas.

3. ESCOLHA DO CAMINHO

Sobre o caminho metodológico, desenvolvemos nossa pesquisa com base na pesquisa-ação, entendida por Thiollent (2004) como uma investigação social que tem base empírica, se relacionando com uma ação ou resolução de um problema coletivo; dessa forma, pesquisadores e participantes são sujeitos ativos no decorrer do estudo. Nesse sentido, adotamos a abordagem qualitativa, compreendida por Pope e Mays (2005) como uma pesquisa que busca interpretar os fenômenos sociais a partir dos significados que os sujeitos atribuem as suas experiências.

Para a etapa de planejamento, conduzimos uma entrevista semiestruturada proposta por Jales (2024) com um docente da Escola Estadual Francisco de Assis da Silva (EEFAS), na cidade de Serrinha dos

Pintos-RN, a fim de compreender como as PCAN vinham sendo abordadas na escola. Dessa maneira, geramos orientações para o planejamento e realização da sequência didática. Ressaltamos, ainda, que o planejamento se deu de forma coletiva com encontros realizados na própria escola entre o professor-pesquisador e o professor da escola campo de pesquisa.

Para tematizar o *Trekking* de Competição, dividido em provas de velocidade e regularidade, realizamos visitas à Trilha dos Bastiões com a finalidade de analisar os espaços, riscos e os locais em que os pontos de controle seriam postos e identificados no mapa. Como propõem Lima *et al.* (2021), para atividades em espaços não formais de educação, é necessário que visitas prévias sejam realizadas para o planejamento das atividades e novamente quando estiver próximo à data da aula, para identificar possíveis mudanças no local. Destacamos o Quadro 1 com os conteúdos abordados em cada aula.

Quadro 1: Conteúdos da sequência didática

AULAS	CONTEÚDOS
1	Conceito de PCAN e <i>Trekking</i> ;
2	Gestão de riscos e impactos ambientais nas PCAN;
3	Microaventura com <i>Trekking</i> de velocidade na escola;
4	Microaventura com <i>Trekking</i> de regularidade na escola;
5	<i>Trekking</i> de Velocidade na Trilha dos Bastiões;
6	Leis e crimes ambientais;
7	<i>Trekking</i> de Regularidade na Trilha dos Bastiões;
8	Apresentação dos vídeos produzidos a partir da leitura de textos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

As aulas foram desenvolvidas com a turma da 3º série A, no turno matutino, com 25 alunos matriculados na disciplina, de faixa etária de 17 a 19 anos de idade. Dessa forma, para compreensão do contexto da coleta de dados, esclarecemos que a escola segue as normas do Ensino Médio Potiguar, cuja grade curricular contou com apenas uma aula da disciplina de Educação Física semanalmente para o ano de 2025. Nesse sentido, as 2 (duas) aulas na Trilha dos Bastiões foram realizadas em sábados letivos, combinados previamente com os alunos e com o professor da turma.

Durante a sequência didática, o professor pesquisador teve autonomia para conduzir as aulas, tendo o papel de mediar explicações, produzir e organizar materiais didáticos, direcionar as atividades, bem como avaliar a aprendizagem e atribuir notas ao fim da sequência de aulas, contando também com o auxílio e participação do professor da escola campo de pesquisa durante as atividades realizadas.

Para coleta de dados, utilizamos diários de campo para os estudantes, roteirizado para escreverem anotações sobre o que puderam aprender nas aulas, pontos positivos, negativos, possíveis reflexões e sugestões. Para o docente da escola, seguiu-se o mesmo roteiro, porém, destacando quais das estratégias utilizadas contribuíram para sua prática pedagógica.

Conforme Kroef, Gravillon e Ramm (2020), entendemos que os diários de campo são textos que possuem endereçamentos e podem ser compartilhados com outros integrantes da pesquisa e, além disso, podem constituir parte da escrita de publicações acadêmicas. Contudo, tais instrumentos não

esgotam a totalidade da experiência empírica, visto que é um texto organizado e editado com propósitos narrativos específicos, o que pode suscitar processos involuntários de censura.

Para a análise dos dados, adotamos a técnica de análise de conteúdo do tipo categorial proposta por Bardin (2016). Na pré-análise, realizamos a leitura flutuante dos diários. Em seguida, definimos o corpus da pesquisa, constituído por 23 (vinte e três) diários, e formulamos as hipóteses a partir dos registros referentes às aulas na trilha. A preparação do material ocorreu por meio da organização de cópias impressas e separação dos registros por aula.

A codificação foi realizada manualmente a partir da seleção de palavras e frases que fizessem menção a implicações positivas ou negativas, espaços não formais de educação, café comunitário/lanche, meio ambiente e contemplação/apreciação da natureza, de forma aberta. As categorias foram definidas à *posteriori*, seguindo o critério semântico e o princípio de exclusão mútua. Por fim, os dados foram analisados e interpretados à luz da literatura especializada.

Esclarecemos que essa proposta de pesquisa seguiu todos os princípios éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos, tendo aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, sob o nº CAEE: 83914724.6.0000.5294. Para garantir a confidencialidade e sigilo sobre a identidade dos participantes, atribuímos codinomes de esportes de aventura na discussão dos dados.

4. PAISAGENS REVELADAS

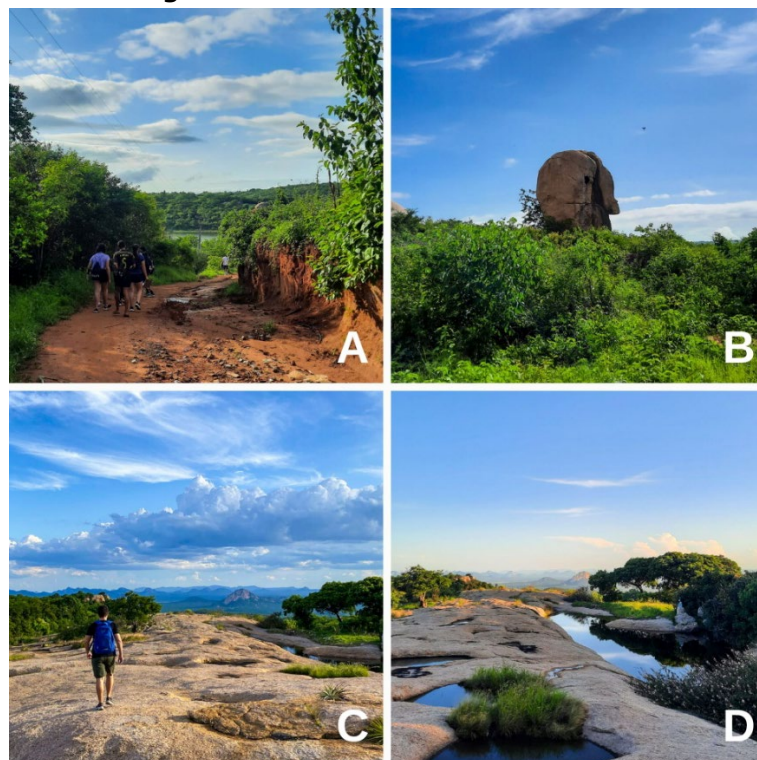
Antes de nos aprofundarmos nas implicações, caracterizamos a Trilha dos Bastiões, que fica localizada próxima à EEFAS e com distância de 4km (ida e volta), iniciando o percurso pela rua ao lado da escola. Conhecida pelas suas belezas e paisagens naturais, conforme ilustrado na Figura 1, no decorrer da trilha, destacam-se as vistas para o açude do bairro Camarão (A) no início do percurso, para a Pedra do Nariz (B), conhecida por ser o cartão postal da cidade e, ao fim da trilha, o Lajedo dos Bastiões (C), que se destaca pela presença de uma piscina natural (D) onde turistas e aventureiros costumam acampar e tomar banho nos períodos chuvosos³.

Nesse sentido, a Trilha dos Bastiões é tida como um ótimo local para se desenvolver atividades de lazer e aventura, também tem sido comum nos últimos anos a presença de atividades religiosas durante os retiros cristãos da comunidade católica no período de Carnaval, além de etapas de campeonatos de *motocross* nas festividades de emancipação política da Cidade.

O *Trekking* pode ser entendido como uma caminhada em meio à natureza, orientada por mapa, bússola ou carta de orientação, geralmente praticado em grupos, estimulando o contato com a natureza e o espírito de companheirismo (Bitencourt; Amorim, 2006). Dentre as diversas formas de se praticar a modalidade, na pesquisa, realizamos as modalidades de *Trekking* de Competição, que se manifesta nas provas de velocidade, em que o objetivo é chegar o mais rápido possível ao ponto final do percurso. Já nas provas de regularidade, em que o percurso é preparado com antecedência e com tempo e distância estipulados para cada trecho, vence a equipe que mais se aproximar do tempo definido (Lima *et al.*, 2021).

³ Acesse os registros fotográficos: <http://bit.ly/46VASSp>

Figura 1: Trechos da Trilha dos Bastiões



Fonte: Acervo dos autores.

Em relação às aulas na trilha, ilustramos o Quadro 2 com o conteúdo e as ações metodológicas. Embora o foco da pesquisa não seja sobre as estratégias pedagógicas, esclarecemos que o uso dos mapas em detrimento da carta de orientação, utilizada oficialmente nas modalidades de *Trekking*, se deu pela ausência de bússolas como recurso pedagógico. Dessa maneira, as características das modalidades como as funções de cada membro da equipe e formas de marcar o tempo foram preservadas⁴.

Quadro 2: Organização das aulas na Trilha dos Bastiões

AULAS NA TRILHA	AÇÕES METODOLÓGICAS
<p><i>Trekking</i> de Velocidade na Trilha dos Bastiões;</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Aquecimento; - Divisão das equipes; - Interpretação da planilha de anotações e mapa da trilha; - Vivência do <i>Trekking</i> de Velocidade na trilha com questões sobre o conteúdo em cada ponto de controle; - Momento para o café comunitário; - Retorno para casa.
<p><i>Trekking</i> de Regularidade na Trilha dos Bastiões.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Aquecimento; - Explicação sobre as funções, regras e marcação do tempo no <i>Trekking</i> de regularidade; - Divisão das equipes; - Interpretação da planilha de anotações e mapa da trilha; - Vivência do <i>Trekking</i> de Regularidade na trilha com confirmação de passagem pelos pontos a partir de uma foto com a equipe inteira a cada ponto de controle; - Conferência das fotos e cálculo da pontuação das equipes; - Momento para o café comunitário; - Retorno para casa.

Fonte: Elaborado pelos autores.

⁴ Acesse os materiais didáticos: <http://bit.ly/4odpuIU>

A partir da análise dos dados, emergiram as categorias sobre as implicações pedagógicas e sociais, bem como ambientais e experienciais, discutidas nas subseções a seguir.

4.1 Implicações pedagógicas e sociais

Nesta subseção, apresentamos as implicações pedagógicas e sociais, destacando como a proposta de aulas na trilha influenciou nas interações e aprendizagem de competências e valores dos estudantes.

Iniciamos com o aspecto do trabalho em equipe evidenciado pelo aluno Skate: “Aprendi a importância do trabalho em equipe, que cada um tem que dar o seu melhor, e aprendi sobre paciência e colaboração”. A modalidade de *Trekking*, enquanto conteúdo da Educação Física escolar ou em competições oficiais, se caracteriza por ser uma atividade dinâmica, em que se exige dos participantes habilidades de comunicação, trabalho em equipe e colaboração. Em consonância com a compreensão de Miranda (2023), a cooperação entre os integrantes é de extrema importância; afinal, o isolamento de um praticante na execução de todas as funções compromete a eficácia do desempenho final. Esse dinamismo coletivo é evidenciado na Figura 2.

Figura 2: Estudantes analisando o mapa da trilha



Fonte: Acervo dos autores.

O relato do aluno Skate permite inferir que trabalho em equipe, paciência e colaboração no *Trekking* não se dão apenas com o objetivo de ter um bom desempenho na competição, mas também se refere à construção de parcerias, companheirismo e relações baseadas em confiança durante o percurso que, por vezes, são fundamentais em momentos para ajudar um colega com dificuldade em passar por algum obstáculo, pausas para o descanso ou mesmo hidratação de algum membro da equipe.

Neste sentido, segundo Pereira (2025), momentos em que são necessárias ações como ceder espaço na trilha, conter o próprio ritmo para esperar o colega de equipe, aceitar que o próprio ritmo está mais lento que do outro e o cuidado com quem se atrasa, são parte do processo de vivência do *Trekking* e pedagógicas por natureza, favorecendo a criação de vínculos. Essas situações, embora

sejam formativas, também evidenciam as tensões inerentes à prática do *Trekking*, necessitando que os praticantes também aprendam a lidar com possíveis frustrações no percurso.

De outro ponto de vista, a relação estabelecida entre os espaços não formais e os conhecimentos que são tematizados na escola é destacada pela aluna Esporte Orientação: o “ponto positivo é o aprendizado que recebemos e os diferentes lugares e práticas em que aprendemos”. À vista disso, constatamos que as aulas nos espaços não formais são estratégias que possibilitam aos estudantes a compreensão da conexão entre o espaço vivido e os conteúdos da sala de aula, de modo que despertem um maior interesse dos alunos pela disciplina (Rodrigues, 2017).

Como forma de evidenciar essa relação, destacamos o relato da aluna Corrida de Aventura: “Vimos também o quanto a população polui as trilhas e o quanto isso é prejudicial para o meio ambiente”. Assim, as aulas na Trilha dos Bastiões possibilitaram que os alunos pudessem perceber a conexão entre os conteúdos da sala de aula com a sociedade, além do desenvolvimento da criticidade e consciência sobre os problemas ambientais no local. Nesse sentido, dialogamos com os achados de Lima (2020), ao enfatizar que, para o desenvolvimento da consciência ambiental dos estudantes, não basta apenas promover o contato com a natureza, mas, sobretudo, criar condições para discussões acerca dessa temática com as PCAN.

As reflexões dos alunos em relação às situações ambientais vivenciadas na trilha ilustram o potencial dos espaços não formais de educação em proporcionar sensações estimulantes e conexão entre os conteúdos e as problemáticas do cotidiano dos alunos (Lima; Brabo, 2022). Sob essa perspectiva, a aluna Rapel reflete:

[...] podemos ver que aqui tem muito lixo solto pelo caminho, poderia colocar ponto com lixeiras para fazer o descarte corretamente, temos locais de turismo que deveria ter lixeiras seletivas, como: Bastiões, Rosário, Tota, praça de eventos e em vários outros pontos.

Nesse sentido, a fala da estudante demonstra que estas aulas contribuíram, ainda, para a formação de um senso crítico sobre outros locais da cidade, ampliando a discussão ao direcionar os olhares para além da trilha. Portanto, torna-se necessário que os professores adquiram conhecimento sobre aulas de campo, considerando que este tipo de prática permite que os alunos tenham contato com a natureza e articulem os conhecimentos estudados em sala com o espaço não formal onde está acontecendo a aula (Nascimento, 2022).

Em vista disso, Soares (2023) aponta a necessidade de oportunizar e promover práticas com metodologias diferenciadas, como as aulas em espaços não formais de ensino, de modo que os estudantes sejam engajados nas aulas, bem como encorajados a ter autonomia no seu processo de aprendizagem.

Em outra perspectiva, a aluna Esporte Orientação destaca um ponto negativo da experiência em seu diário: “a questão de não ter sido durante a semana de aula”. Diante dessa implicação, retomamos ao que foi esclarecido anteriormente na seção Escolha do Caminho em relação ao contexto da escola. Entretanto, dialogamos com Rodrigues (2017), compreendendo que as aulas em espaços não formais de ensino rompem com a rotina da escola, demandando esforço coletivo do corpo administrativo e pedagógico, bem como dos professores e alunos para sua realização.

4.2 Implicações ambientais e experienciais

Nesta subseção, abordamos as implicações a partir do ambiente natural e das experiências vivenciadas pelos estudantes no espaço não formal de educação, evidenciando percepções, sensações e significados que foram atribuídos às aulas na trilha.

À luz dos registros, destacamos o aspecto de contemplação do espaço, como afirmou o aluno Windsurfe: “podemos apreciar a vista de lá e ficar em um lugar de paz”. Nessa lógica, as aulas em espaços naturais trazem consigo a possibilidade de contemplação do ambiente a sua volta, além de que, por se tratar de um lugar distante da área urbana, estes momentos proporcionam sensações de desligamento de uma rotina movimentada das cidades e de tecnologias.

Para o aluno Mountain Bike, “a prática do Trekking não é apenas caminhar em uma trilha, também é sobre viver o momento da trilha”. Nesse sentido, o relato nos leva a compreender que a vivência do *Trekking* em ambientes naturais, para além das possibilidades de ensino da própria modalidade e das questões relacionadas ao meio ambiente e riscos, permite que os estudantes aprendam e ainda possam usufruir das experiências sensoriais que os espaços naturais proporcionam, aspecto que também pode ser visualizado na Figura 3.

Figura 3: Estudantes durante *Trekking* na Trilha dos Bastiões



Fonte: Acervo dos autores.

Sobre isso, Pereira (2025) indica que iniciativas de aulas que promovem travessias, trilhas, caminhadas, entre outras atividades ao ar livre na Educação Física, são, para além de inovação pedagógica, uma necessidade enquanto seres humanos, reconhecendo a natureza não apenas como recurso, mas como território de pertencimento, saúde e saberes. Para Nicácio (2025, p. 19):

Compreender e trabalhar com a aventura a partir de elementos da experiência, da narrativa sobre se aventurar, do desfrutar, da paisagem, do desejo para além do risco, pressupõe considerar os elementos que circundam o que antecede a aventura e o próprio sujeito na relação com a prática e não só a prática em si.

Em comparação com o espaço escolar, a vivência do *Trekking* na natureza estimula os estudantes em seus aspectos sensoriais, permitindo desfrutar as paisagens que os ambientes naturais possuem, bem como promover a possibilidade de refletirem acerca de si mesmos e do mundo a sua volta, uma vez que a escola não conta com espaços naturais suficientes para esse tipo de estímulo. Nesse sentido, as PCAN, ao incentivarem os praticantes a interagir com a natureza, também os convidam a

repensar os seus limites, explorar o desconhecido e cultivar uma conexão mais profunda com o mundo ao seu redor (Rosa; Rechia; Nicácio, 2024).

Atrelado aos aspectos de contemplação da natureza, trazemos à tona outro fator considerado motivador relacionado aos espaços não formais de educação, mas que também pode ser entendido como uma possibilidade de ensino da aventura mencionada pelo aluno Windsurfe: “Vimos a paisagem linda de lá e fizemos um café comunitário”.

Figura 4: Momento do café comunitário



Fonte: Acervo dos autores.

Diante desse relato, identificamos que as aulas de *Trekking* em espaços não formais possibilitam que os estudantes também possam vivenciar momentos prazerosos com os colegas de sala em meio à natureza, partilhando do que comem, bebem e dos momentos vividos. Dessa forma, a ideia de se realizar um piquenique nas aulas de PCAN é uma implicação motivadora, visto que

expressa uma compreensão da natureza como boa, generosa, bela – efetivamente, como um lugar para se ir. Esse encontro ao ar livre comporta, ainda, uma ideia de tempo descontextualizado e festivo e convida a compartilhar o que se come e bebe entre amigos ou familiares; é possível inferir que a noção de prazer também lhe é inerente (Soares, 2024, p. 3).

Partindo dessa proposta, o piquenique/café comunitário, como evidenciado pelos estudantes, implica, ainda, no desenvolvimento de vínculos afetivos, oportunizando momentos em que é possível dialogar sobre assuntos que não fazem relação ao contexto escolar de atividades e responsabilidades acadêmicas, melhorando, também, a relação entre professores e alunos.

Destacamos que, para além do aspecto motivador de ser em um ambiente fora do espaço escolar, as aulas em espaços não formais de educação possibilitam aos estudantes conhecer novos lugares, mesmo sendo na própria cidade, como a aluna Asa Delta aponta em seu diário: “Nessa aula nós realizamos uma atividade fora do nosso ambiente escolar e foi bem legal, [...] foi divertido porque foi fora da escola e eu nunca tinha ido”.

Portanto, as aulas na trilha resultaram em implicações positivas, considerando que se trata de um local turístico e utilizado para diferentes tipos de atividades, desde lazer a competições, e o fato de a estudante nunca ter ido no local, também evidencia que os espaços não formais de educação,

mesmo situados na própria cidade, proporcionam experiências inéditas para os próprios residentes. Nesse contexto, como proposto por Arenhardt e Neuenfeldt (2024), o uso dos espaços não formais de educação contribui para que seja possível criar identidade com os espaços da cidade, bem como para o sentimento de pertencimento com o ambiente visitado.

De outro ponto de vista, efetivamos aqui outra contribuição provocada pelas aulas em espaços não formais, relatado pela aluna Esporte Orientação em seu diário: "O ponto positivo dessa aula a questão de termos contato com a natureza saindo um pouquinho das telas e se exercitado [SIC]". Diante disso, inferimos que a realização de aulas em que os alunos tenham contato com a natureza é muito significativa, visto que, atualmente, vivemos em uma era tecnológica que, por vezes, nos afasta de locais em que se é possível ter contato com ar puro e calmaria, nos prendendo cada vez mais em nossos lares (Arenhardt; Neuenfeldt, 2024).

Partindo desse contexto, ressaltamos a relevância do desenvolvimento de aulas em espaços não formais de educação, fazendo com que os estudantes, professores ou outras pessoas envolvidas na aula, se distanciem das telas por certo período de tempo e, em se tratando das aulas de Educação Física, acrescenta-se o fato de estarmos praticando exercícios.

O *Trekking*, ao explorar a caminhada na natureza, é um exercício aeróbico que exige muito dos músculos ao trilhar com diferentes dificuldades e níveis de elevação durante o percurso (Lima, 2021). Nessa ótica, o aluno Windsurfe associa a prática do *Trekking* e os benefícios à saúde: "Os pontos positivos de fazer esses esportes é conhecer um pouco mais da natureza, ter um momento de lazer, paz e tranquilidade. E sem contar que fazer essas caminhadas faz muito bem para a saúde".

Diante dessa perspectiva, Godoi, Yoshida e Fernandes (2020) constatam que as PCAN promovem benefícios como melhora da saúde física, qualidade de vida, bem-estar, concentração, redução do estresse, aumento da autoconfiança e autoestima para os praticantes, refletindo, dessa maneira, a relevância em desenvolver aulas sobre PCAN em espaços naturais, implicando positivamente sobre a saúde e bem-estar físico e psicológico dos estudantes.

5. RASTROS DO CAMINHO

Intitulamos esta seção de "Rastros do caminho" com o intuito de refletirmos os aprendizados e descobertas da pesquisa, como marcas no chão, simbolizando um percurso vivido e que pode inspirar novos passos e trilhas a serem seguidas.

Nossa pesquisa-ação teve como objetivo analisar como as aulas sobre *Trekking* de Competição na Trilha dos Bastiões implicaram no processo ensino-aprendizagem de estudantes do ensino médio de uma escola estadual em Serrinha dos Pintos-RN. Para isso, desenvolvemos uma sequência didática de 8 (oito) aulas, sendo 2 (duas) destas na trilha.

Nesse sentido, enfatizamos as aulas na trilha como uma rica possibilidade para o ensino da PCAN nas aulas de Educação Física escolar, proporcionando implicações positivas no processo ensino-aprendizagem, provocando mudanças na percepção dos espaços da cidade, das questões ambientais ligadas ao contexto do espaço e na construção das relações entre estudantes e professores.

Nessa perspectiva, evidenciamos que a vivência do *Trekking* em espaços não formais de educação contribui significativamente para o processo ensino-aprendizagem, visto que a modalidade em si

contempla o desenvolvimento de aspectos cognitivos e psicológicos ao explorar a leitura de mapas, planilha e cálculo de tempo em meio a situações de risco e resolução de problemas. Em termos físicos, por se caracterizar como uma caminhada em meio à natureza com diferentes níveis de inclinação, a atividade estimula a prática de exercícios e melhoria do condicionamento físico.

Do ponto de vista social, ao levarmos em consideração que a atividade é praticada em equipes, favorece o desenvolvimento das habilidades de comunicação e trabalho em equipe, assim como há benefícios para os espaços naturais da cidade ao cultivarmos boas ações sobre a natureza, possibilitando a passagem dessas ações para outras pessoas e gerações.

Damos destaque e incentivamos, ainda, que os professores de Educação Física vejam os espaços não formais de educação e, especificamente, os ambientes naturais como um espaço onde os estudantes possam, para além de aprender sobre as PCAN, vivenciar momentos agradáveis, contemplar a natureza e conscientizar-se sobre os problemas ambientais.

As limitações do estudo incluem os desafios logísticos de aulas aos sábados e a restrição da amostra a uma única escola e turma, o que delimita a abrangência dos resultados. Diante dessas considerações, sugerimos que pesquisas futuras sejam realizadas em diferentes contextos e etapas da educação básica, utilizando o *Trekking* como conteúdo, para que se amplie a produção científica sobre a temática. Ademais, destaca-se a relevância de pesquisas que explorem outras modalidades de PCAN em espaços não formais de educação.

Por fim, almejamos que os rastros do caminho trilhado por essa pesquisa possam inspirar outros professores de Educação Física em suas práticas pedagógicas com as PCAN nos espaços não formais de educação.

6. REFERÊNCIAS

ARENHARDT, Guilherme Vinícius; NEUENFELDT, Derli Juliano. Uso de espaços ao ar livre nas aulas de Educação Física escolar nos anos finais do ensino fundamental nas escolas urbanas da rede municipal de Venâncio Aires/RS/BR. **Revista Destaques Acadêmicos**, [S. l.], v. 16, n. 2, ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.22410/issn.2176-3070.v16i2a2024.3680>

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BITENCOURT, Valéria; AMORIM, Simone. Trekking – Enduro/Rally a pé. In: DACOSTA, Lamartine (org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEE, 2006. p. 455-456.

BRASIL **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação. 2018.

FANFA, Michele Souza; GUERRA, Leonan; TEIXEIRA, Maria do Rocio Fontoura. Educação não formal: a praia como um espaço para educação ambiental. **Debates em Educação**, [S.L.], v. 11, n. 24, p. 66-83, ago. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2019v11n24p66-83>

FRANÇA, Dilvano Leder de; DOMINGUES, Soraya Corrêa. Práticas corporais e esportes de aventura nas aulas de educação física. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 9, n. 4, p. 13136-13151, abr. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv9n4-038>

GODOI, Rosane Camila de; YOSHIDA, Hélio Mamoru; FERNANDES, Paula Teixeira. Autoestima em praticantes de esportes de aventura. **Caderno de Educação Física e Esporte**, [S.L.], v. 18, n. 3, p. 57-62, nov. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.36453/2318-5104.2020.v18.n3.p57>

HENRIQUES, Diógenys da Silva; QUEIROZ, Larissa Silva; QUEIROZ, Francisco Jiliardo de; MEDEIROS, Jacimária Fonseca de; MEDEIROS, Wendson Dantas de Araújo. Geodiversity in the popular horizon: from culture to the Geomorphological and Landscape Heritage of Serrinha Dos Pintos – RN / Geodiversidade no horizonte popular: da cultura ao Patrimônio Geomorfológico e Paisagístico de Serrinha Dos Pintos - RN. **William Morris Davis - Revista de Geomorfologia**, [S. L.], v. 3, n. 2, p. 1-22, dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.48025/ISSN2675-6900.v3n2.2022.160>

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -. **Serrinha dos Pintos**. [online] 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/serrinha-dos-pintos.html>. Acesso em: 13 dez. 2025.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista em Extensão**, Uberlândia, v. 7, n. 1, p. 55-66, nov. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/ree-v7n12008-20390>

JALES, Patrick Baryshynicov Gomes. **Práticas corporais de aventura: Educação Física na perspectiva inclusiva**. Pau dos Ferros: UERN, Monografia (graduação) curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2024.

KROEF, Renata Fischer da Silveira; GAVILLON, Póti Quartiero; RAMM, Laís Vargas. Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. **Estud. psicol. psicol.** Rio de Janeiro. v. 20, n. 2, p. 464-480. Jul. 2020 DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2020.52579>

LIMA, Jean Fortes de. **Educação Física escolar e educação ambiental: o saber da experiência em uma unidade didática transdisciplinar de práticas corporais de aventura**. Ijuí: UNIJUÍ, 2020. Dissertação (Mestrado), Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional em Educação Física, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2020.

LIMA, Jefferson Teixeira Sarmiento de. **Trekking como prática pedagógica interdisciplinar no Ensino Médio integrado na promoção da Educação Ambiental**. Rio Branco: IFAC, 2021. Dissertação (Mestrado), Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre, 2021.

LIMA, Jefferson Teixeira Sarmiento de; GARCIA, Amélia Maria Lima; AMARAL, Cledir de Araújo; FREITAS, Renata Gomes de Abreu; TOMAZ, Valdinéia Rodrigues. **Trekking Pedagógico IFAC**. Rio Branco: ProFEPT, 2021. 72 p.

LIMA, Jefferson Teixeira Sarmiento de; GARCIA, Amélia Maria Lima; AMARAL, Cledir de Araújo; FREITAS, Renata Gomes de Abreu; TOMAZ, Valdinéia Rodrigues. Trekking como prática pedagógica em espaços amazônicos: uma perspectiva aos Institutos Federais. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, [S. l.], v. 4, n. Especial, p. 38–54, abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.36524/profept.v4iEspecial.633>

LIMA, Jurandy das Chagas; BRABO, Jesus Cardoso. Trilhas Interpretativas: Proposta de Educação Ambiental para escolas de Quatipuru, Pará, Brasil. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 1-25, mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2022v12n1ID1648>

MIRANDA, Elisandro Araujo. **Práticas Corporais De Aventura na Educação Física escolar: uma proposta de ensino do trekking de regularidade nos anos finais do ensino fundamental**. Presidente Prudente: UNESP, 2023. Dissertação (Mestrado), Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional, Universidade Estadual Paulista, 2023.

MOREIRA, Júnior da costa; PLESE, Luís Pedro de melo; SANCHES, Keila Lima. Espaços não formais

de educação: importância e contribuições para Educação Profissional e Tecnológica. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 3, n. 24, p. 1-16, nov. 2024. DOI: <https://doi.org/10.15628/rbept.2024.15211>

NASCIMENTO, Maria Da Conceição Dantas Do. **Práticas corporais de aventura na natureza: uma proposta pedagógica junto à educação física escolar inclusiva**. Natal: UFRN 2022. Dissertação (Mestrado), Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2022.

NICÁCIO, Luiz Gustavo; Notas sobre Lazer, Aventura e Educação: Reflexões Para Além do Risco. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 1–21, mai. 2025. DOI: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2025.59153>

PEREIRA, Álex. Sousa. O saber sensível que brota das experiências do se-movimentar no monte Roraima. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 37, n. 68, p. 1–24, set. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2025.e106954>

PEREIRA, Dimitri Wu. Tendências e raízes da Aventura. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 35, n. 66, p. 1–14, mar. 2023. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2023.e87736>

PEREIRA, Dimitri Wu; RICHTER, Friedrich. Aventura na escola, novidades e emergência para a Educação Física. In: PEREIRA, Dimitri. Wu. (Org). **Pedagogia da Aventura na escola: proposições para base nacional comum curricular**. Várzea Paulista (SP): Fontoura, 2019. p. 81-90.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PUPPIM, Regina Rosa. **Os Espaços Não Formais de Fnsino e as Práticas de Educação Ambiental nas escolas municipais de Cachoeiro de Itapemirim-es**. Alegre: UFES, 2023. Dissertação (Mestrado), Centro de Ciências Exatas, Naturais e da Saúde, Universidade Federal do Espírito Santo, 2023.

RIO GRANDE DO NORTE. **Documento Curricular do Estado do Rio Grande do Norte: Ensino Fundamental**. Natal: Secretaria da Educação e da Cultura, 2018.

RODRIGUES, Marjorie Greice. **A aula de campo e suas potencialidades para a promoção da alfabetização científica: um olhar além do alumbramento**. Vitória: IFES. 2017. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Instituto Federal do Espírito Santo, 2017.

ROSA, Maria Cristina; RECHIA, Simone; NICÁCIO, Luiz Gustavo. **Lazer, natureza e educação**. São Paulo: Editora Dialética, 2024. 240 p.

SANTOS, Karine dos Anjos; ROSA, Acassia dos Anjos Santos. Práticas corporais de aventura: o arvorismo na Educação Física escolar. **Debates em Educação**, [S.L.], v. 15, n. 37, p. 1-16, set. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2023v15n37pe15874>

SILVA, Mádson Morais da; SOUSA, Dandara. Queiroga. de Oliveira. Práticas Corporais de Aventura na Natureza na Educação Física escolar: uma revisão bibliográfica. **Redfoco**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 25-46, jun. 2025. DOI: <https://doi.org/10.59776/2358-243X.2025.6747>

SOARES, Ana Deuza da Silva. **O Ensino de Botânica na prática de professores de ciências do ensino fundamental II no município de Salvaterra, Pará: uma proposta de intervenção utilizando Trekking como estratégia metodológica para formação docente**. Belém: UFPA, 2023.

Dissertação (Mestrado), Instituto de Educação Matemática e Científica, Universidade Federal do Pará, 2023.

SOARES, Carmen Lucia. O piquenique: lugar de uma educação pela natureza no Brasil (1900-1950). **Pro-Posições**, Campinas, v. 35, p. 1-36, dez. 2024. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8678658>

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 13. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

Submissão: 14/03/2026

Aceito: 11/05/2026